

clássicas

Editoras: Marcia Rangel Candido
e Verônica Toste Daflon

v.6, n.11, 2017 (IESP-UERJ)



ENSAIOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

“As noivas de Satã”: misoginia e bruxaria no Brasil colonial

Por Carolina Rocha

O grito de independência das mulheres latino-americanas

Por Lília Macêdo

ENTREVISTAS

Bila Sorj

Socióloga e pioneira nos estudos de gênero no Brasil

Hebe Vessuri

Antropóloga e especialista em estudos sociais sobre a ciência na América Latina

RESENHAS E CRÍTICAS

“União Operária”, de Flora Tristán

Por Felipe da Silva Santos

“Calibã e a Bruxa”, de Silva Federici

Por Mariane Silva Reghim

AUTORAS CLÁSSICAS

Aleksandra Kollontai || Charlotte Perkins Gilman || Clara Zetkin || Flora Tristán || Harriet Martineau || Harriet Taylor Mill || Mary Wollstonecraft || Nísia Floresta || Olympe de Gouges || Simone de Beauvoir || Sojourner Truth || Virgínia Woolf || e mais

TEXTOS POR

Anita Guerra || Lorena Marina dos Santos Miguel || Lolita Guerra || Luna Campos || Nicole Midori Korus || Teresa Soter || Vaneza de Azevedo

clássicas

editoras

Marcia Rangel Candido
Verônica Toste Daflon

assistente editorial

Mariane Silva Reghim

projeto gráfico

Ana Bolshaw

ilustração de capa

Sophia Pinheiro

autoras

Anita Guerra
Carolina Rocha Silva
Felipe da Silva Santos
Lília Maria Silva Macêdo
Lolita Guerra
Lorena Miguel
Luna Campos
Mariane Silva Reghim
Nicole Midori Korus
Teresa Soter Henriques
Vaneza de Azevedo

comitê editorial

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)
Anna Carolin Venturini, IESP/UERJ
Felipe Munhoz de Albuquerque, IESP/
UERJ
Leonardo Nóbrega da Silva, IIESP/UERJ
Marcelo Borel, IESP/UERJ
Marcia Candido, IESP/UERJ
Marina Rute Pacheco, IESP/UERJ
Mariane Silva Reghim, IESP/UERJ
Natália Leão, IESP/UERJ
Raul Nunes de Oliveira, IESP/UERJ

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos

Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, 2017.

ISSN 2238-3425

Instituto de Estudos Sociais e Políticos
(IESP)

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ)

Rua da Matriz 82, Rio de Janeiro - RJ

Índice

apresentação

MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 6

entrevistas

BILA SORJ: SOCIOLOGA E PIONEIRA DOS ESTUDOS DE GÊNERO
NO BRASIL
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 8

HEBE VESSURI: ANTROPÓLOGA E ESPECIALISTA EM ESTUDOS
SOCIAIS SOBRE A CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 10

clássicas

HARRIET MARTINEAU: A CONTRIBUIÇÃO ESQUECIDA DA PRIMEIRA
SOCIOLOGA
LORENA MARINA DOS SANTOS MIGUEL _____ 16

ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE FLORA TRISTAN:
FEMINISMO, SOCIALISMO E VIAGENS
LUNA CAMPOS _____ 30

GÊNERO, RACIONALIDADE E ESCRITA EM "O PAPEL DE PAREDE
AMARELO", DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN
TERESA SOTER _____ 40

UMA BRASILEIRA ILUSTRE: NÍSIA FLORESTA E A LUTA POR LIBERDADE
E DIREITOS
VANEZA DE AZEVEDO _____ 52

artigos e ensaios

O QUE É UMA MULHER? VERSÕES E CONTRAVERSÕES DO
ESSENCIALISMO FEMININO
ANITA GUERRA _____ 58

"AS NOIVAS DE SATÃ": MISOGINIA E BRUXARIA NO BRASIL COLONIAL
CAROLINA ROCHA _____ 68

O GRITO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES LATINOAMERICANAS
LÍLIA MACÊDO _____ 80

"MÃE!" (2017) E O MITO DA MULHER ETERNA
LOLITA GUERRA _____ 90

RETOMANDO O DEBATE IGUALDADE VS. DIFERENÇA A PARTIR DE
AUTORAS CLÁSSICAS: UM ARGUMENTO INTERMEDIÁRIO
NICOLE MIDORI KORUS _____ 110

resenhas e críticas

"UNIÃO OPERÁRIA", DE FLORA TRISTÁN
FELIPE DA SILVA SANTOS _____ 124

"CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA",
DE SILVIA FEDERICI
MARIANE SILVA REGHIM _____ 130

Apresentação

Em 1883, nas primeiras linhas de seu ensaio clássico “A mulher como inventora” (Woman as an inventor), Matilda Joslyn Gage chamou atenção para como era comum a alegação que as mulheres não possuíam atributos intelectuais criativos e que não eram capazes de realizar contribuições originais e úteis à vida social. Ciente de que essa afirmação era usada para justificar a invisibilização e o não reconhecimento do trabalho intelectual e criativo das mulheres, Gage a confrontou com extrema perspicácia: além de resgatar grandes feitos femininos em campos como a ciência, a tecnologia, a literatura, as artes, mostrando que nada na constituição biológica das mulheres as tornava inferiores aos homens, ela também descreveu os fatores estruturais que faziam das mulheres uma parcela minoritária entre os inventores, artistas, cientistas etc de prestígio.

Para tal, mencionou aspectos como a legislação social, a subordinação feminina dentro da família e do casamento, a dificuldade de acesso à educação, entre outros. Passado pouco mais de um século da publicação desse texto, a necessidade de recuperar as reflexões e invenções das mulheres ainda persiste. Na escola, pouco se fala de cientistas e pensadoras do gênero feminino. É comum que estudantes de grandes áreas das ciências humanas concluam suas graduações, mestrados e doutorados sem

serem apresentadas(os) a nenhuma autora clássica.

Esta revista é resultado de um esforço coletivo profundamente identificado com a indignação que moveu Gage em 1883: retomar o passado, contestar o presente e modificar o futuro. No primeiro semestre do ano de 2017, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi cenário de debates, apresentações e aprendizados na disciplina “Gênero na Teoria Social e Política Clássica”.

Nos debruçamos sobre o trabalho de autoras pouco estimadas em nossos círculos e a cada leitura nos surpreendemos com o seu pioneirismo, a engenhosidade das suas análises sobre conjunturas políticas e sociais, e sobretudo nos espantamos com a exclusão injustificável das suas contribuições do cânone da sociologia, filosofia, história, ciência política etc. Com o intuito de ir além dos limites das salas de aula e dar continuidade à difusão desses trabalhos, apresentamos nessas páginas artigos produzidos pelas(os) alunas(os) do curso, bem como colaborações de pesquisadoras convidadas. Esperamos que o contato com essas autoras clássicas provoque nas(os) leitoras(es) o mesmo prazer da descoberta e o deleite intelectual que tivemos ao estudar e

lecionar sobre elas. Agradecemos às muitas mãos que se uniram ao nosso esforço: as autoras e autores dos textos dessa coletânea, as entrevistadas, a artista Sophia Pinheiro, responsável pela ilustração que compõe a nossa capa e a designer Ana Bolshaw, idealizadora do projeto gráfico.

**Marcia Rangel Candido e
Verônica Toste Daflon**

Harriet Martineau: A Contribuição Esquecida da Primeira Socióloga

Lorena Marina dos Santos Miguel

resumo:

Harriet Martineau (1802-1876) é denominada como a “primeira mulher socióloga”. O título, todavia, não resultou em reconhecimento e publicidade devida frente aos trabalhos tão inovadores e importantes que produziu. Por reconhecer esse erro, esse texto procura familiarizar o leitor brasileiro com o trabalho da autora. Abordo aqui principalmente a contribuição trazida por ela em seu livro “How to Observe Morals and Manners” (1838) – possivelmente a primeira obra metodológica da Sociologia.

palavras-chave

Harriet Martineau; metodologia; cientistas clássicos; Inglaterra vitoriana; relato de viagem

Estudantes de ciências sociais de primeiro período costumam ouvir de seus professores uma mesma brincadeira: a sociologia teria sido fundada pelos “três porquinhos” – Marx, Weber e Durkheim. Embora um bocado descabida, a piada indica a importância das contribuições dadas por Émile Durkheim (1858—1917), Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920) aos estudos de Sociologia. E, por isso, tornaram-se os famosos “porquinhos” da disciplina. Obviamente não é possível negar a influência desses autores, porém há alguns anos se tem ampliado o rol de autores “clássicos”, conforme o próprio campo da sociologia muda. Alexis de Tocqueville (1805-1859) e Georg Simmel (1858- 1918), por exemplo, já têm hoje lugar garantido no panteão dos clássicos. Mas e quanto à participação de Harriet Martineau (1802-1876) na criação e desenvolvimento da Sociologia?

Ler e ensinar sobre Martineau não se trata de mera concessão às mulheres e à participação feminina no campo sociológico. É preciso reconhecer que a importância de Martineau se deve ao seu trabalho incansável de popularização do conhecimento sobre economia clássica, à criação de um método para a investigação sociológica e à sua contribuição a diferentes campos da microsociologia. Esse artigo tem a intenção incipiente de trazer atenção para o trabalho

da autora e reivindicar seu status de autora clássica da sociologia.

Seria impossível num espaço como esse realizar um trabalho substancial sobre tudo que Martineau produziu frente às dezenas de livros, ensaios e artigos que ela deixou. Por isso, me limito aqui a discutir um dos seus principais trabalhos, “How to Observe Morals and Manners” (1838), no qual ela desenvolveu concepções pioneiras sobre o trabalho sociológico. Por fim, finalizo com a defesa da importância do papel de Martineau para o campo sociológico e possibilidades futuras de estudo do amplo material deixado por ela.

How to Observe Moral and Manners

O mundo se ampliou para os europeus desde a época das Grandes Navegações, porém foi nos séculos seguintes, especialmente o XIX, que se tornou possível que mais viajantes conhecessem terras novas. O resultado foi a explosão de diários e relatos de europeus sobre diversos países e regiões. Eram trabalhos que não tinham rigor científico de observação e apresentavam conclusões gerais sobre toda uma população com base em impressões e punhados de relatos locais. Foram esses erros que Martineau buscou enfrentar ao publicar “How to Observe Moral and Manners” (1838).

Na contracapa da primeira edição lê-se que o objetivo do livro é oferecer “uma série de dicas para os viajantes e estudantes, chamando a atenção para os pontos necessários para o questionamento e observação” no campo da sociedade (Martineau, 1838, pag. iii). Felizmente, o trabalho da autora compreende muito mais do que simples dicas e traz reflexões sofisticadas sobre pesquisa e metodologia, temas hoje considerados fundamentais para a Sociologia.

Martineu inicia sua obra defendendo de que o conhecimento e métodos são fundamentais. Em um tempo em que se considerava a observação um simples ato de olhar e reportar o que se vê, a britânica apontava como é preciso treinar os olhos para se poder realizar bem a tarefa. Já naquela época, ela defendia que a “ciência da sociedade” era tão complexa quanto a natural. Logo, para ela, da mesma forma que uma pessoa não se ousava se dizer capaz de falar sobre geologia sem estudo dedicado, não se poderia fazer afirmações sobre povos inteiros a partir de uma breve visita (Martineau, 1838, pag. 02). Para evitar esse erro, ela indicava a necessidade de realização de estudos prévios, preparação para o campo, assim como o cuidado com as generalizações e conclusões precipitadas.

Martineu desejava evitar que as pessoas viajassem apenas para confirmar seus preconceitos. Caso a pessoa não conseguisse chegar, de forma metódica, a conclusões e teorias mais abrangentes, era necessário admitir as limitações e reportar cuidadosamente aquilo que foi visto. Nesse caso, o viajante daria ainda assim uma contribuição, contribuindo para criar material para que no futuro se produzisse trabalhos mais completos (*Idem*, pag. 09-10).

A autora dividiu o livro em três partes principais: os requisitos para a observação, o que observar e métodos mecânicos. Na primeira seção, ela enumera o que um observador precisa fazer para poder observar e escrever trabalhos significativos. Essa seção foi dividida em três partes menores, que correspondem a requisitos filosóficos, morais e mecânicos. Na seção seguinte, a autora trata sobre os temas que ela considera fundamentais na vida social, como a religião, suicídio, prisões, casamentos. Ao longo dos subcapítulos, ela discorre sobre a importância de cada espaço social e como é possível compreendê-los em sua complexidade e multiplicidade. Por fim, no último capítulo, na breve seção sobre métodos mecânicos, ela trata sobre questões do dia a dia da pesquisa, como preparação para entrevistas e anotações ao longo do dia. Meu foco será na primeira seção, visto que é aquela que apresenta

e debate o método sociológico. É nesse espaço que ela aborda a questão do rigor metodológico.

Requisitos filosóficos

Nessa seção, a autora foca na questão da mentalidade do pesquisador, refletindo tanto sobre o observador como sobre o observado – uma reflexão muito avançada para uma época em que vigorava o positivismo. Quanto ao observador, ela indaga: O que deseja? O que busca encontrar nas observações que fará? Martineau adverte que, ao observar homens e mulheres de personalidades variadas, instituições políticas e sociais, como governo e casamento, e eventos de vida, como nascimento e morte, se o observador encontrar precisamente o que já esperava ou ficar desconfortável e fizer juízos negativos sobre o que constatar, é melhor que não produza a pesquisa.

A partir dessa observação, é possível apontar para o primeiro princípio fundamental da pesquisa para Martineau: a busca pela imparcialidade. Ao longo do livro, ela volta diversas vezes ao mesmo ponto: deve-se reportar, sem julgamentos, a sociedade que se está observando. Outro ponto importante é que Martineau se opõe a preceitos bastante

difundidos em sua época ao rejeitar o darwinismo social e a hierarquia dos povos. Para ela, há situações que são comuns a todas as sociedades, como o sepultamento dos mortos ou divisão de tarefas. O trabalho do observador é descobrir como cada cultura expressa e organiza esses eventos da vida. De tal forma, quando cita um exemplo, ela coloca no mesmo patamar um evento no Sul estadunidense, na Rússia czarista e em um pequeno povoado africano.

Para ela, a imparcialidade não significa que o observador deva considerar moralmente aceitável a escravidão ou o sacrifício de crianças. Todavia seu dever é tentar compreender o Outro e a forma de realizar isso é buscar entender como todas as relações sociais e instituições são construídas na busca daquilo que todo ser humano, independente de quem for, mais preza: a felicidade.

O segundo princípio que ela aponta é que o pesquisador deve reconhecer que toda concepção de virtude ou de vício em uma sociedade é o resultado das circunstâncias particulares em que a sociedade existe. De tal forma, Martineau percebe a moralidade como algo cultural, e não como algo de natureza biológica ou divina. Portanto, a moral deve ser observada como uma criação dos homens passível de mudanças. A autora apresenta grande lista de exemplos para

ilustrar seu argumento, demonstrando grande conhecimento de vários elementos que já percebia como resultado da sociabilidade: a personalidade, as aspirações, a hierarquia social, a desigualdade, entre outros.

Podemos citar Martineau (1938, pag. 22-23 – tradução nossa) diretamente para justificar a importância dos dois princípios:

“O observador que possui uma crença mais filosófica, não só escapa da aflição de ver o pecado onde quer que veja a diferença, como evita o sofrimento do desprezo e alienação de sua espécie. Porém ao estar preparado para o que ele testemunha e consciente das causas, está livre da agitação de ser chocado e alarmado, preserva sua calma, sua esperança, sua simpatia. E, portanto, é melhor ajustado para perceber, compreender e relatar a moral e os costumes das pessoas que ele visita. Sua crença filosófica, derivada de toda evidência justa e apenas reflexão, é que todos os sentimentos de errado e de certo das pessoas, em vez de nascer com eles, crescem neles das influências a que eles estão sujeitos. Nós vemos que, em outros casos, no que diz respeito à ciência, à arte e às aparências da natureza, os sentimentos crescem a partir do conhecimento e da experiência. E há todas as evidências de que é assim em relação à moral.”

Após essas definições, Martineau aponta para a importância da preparação para a pesquisa. Obviamente o acúmulo de estudos prévios naquele tempo é muito menor que o atual, o que reforça a importância desse ponto. Ela enfatiza que é preciso conhecer os estudos já realizados para se produzir o melhor trabalho possível.

Requisitos morais

No quesito moral, Martineau apresenta o conceito de empatia como um dos princípios principais do trabalho sociológico. Ao reconhecer que é impossível nos despirmos de todo preconceito e viés, precisamos buscar uma forma de garantir a observação imparcial. A empatia “sem restrições e sem reservas” (*Idem*, pag. 41) permite que o observador chegue aos corações e mentes das pessoas. Martineau acredita que as pessoas respondem à sua forma de tratá-las. Logo, um pesquisador que esteja aberto ao observador obterá a mesma abertura em resposta.

A autora reforça constantemente a ideia de que sentimentalmente todas as pessoas são iguais. Ela afirma, poeticamente, que “existe o mesmo coração humano em todos os lugares, o crescimento universal da mente e da vida, pronto para abrir a luz do sol da

simpatia, florescendo nos recintos das cidades e florescendo onde quer que caísse na terra, mas dobrando quando tocado pelo frio e caindo na escuridão” (*Idem*, pag. 42 – tradução nossa).

E não é possível observar uma sociedade sem entrar em contato com as pessoas. Embora considere fundamental a observação do que ela chama de “*Things*” (coisas), representadas pelo governo e toda forma de documentação, as pessoas importam tanto quanto o trabalho de pesquisa documental e material. Se o pesquisador não se importar em conhecer as pessoas, ele não poderá entender como formam sua noção de certo e errado, assim como também não compreenderá as instituições e estruturas sociais essenciais para o convívio humano. É somente ao abrir-se para ouvir e conhecer as pessoas e respeitar as suas histórias que o cientista social poderá realmente entender como as mesmas percebem e interpretam a realidade.

De tal forma, esse pode ser considerado o terceiro princípio: a empatia. É ela que deve orientar a atitude do observador com relação ao observado. Martineau afirma a crença de que um comportamento amistoso e receptivo, em vez de julgador, é essencial para uma pesquisa sem viés e conclusões preconcebidas.

O interessante da importância dada por Martineau à empatia é que ele poderia ser inserido no debate que surgiu após o lançamento de “Um Diário no Sentido Estrito do Termo” (1967) de Bronislaw Malinowski. Lançado após sua morte pela sua esposa, o diário de Malinowski revela sua opinião negativa sobre os nativos que estudava. Embora a ideia da pesquisa não-participante e do observador neutro nunca tenha sido factível, ainda à época muitos acreditavam nela. A resposta de outros estudiosos é que não é preciso ser totalmente isento para ter um estudo aprofundado e não enviesado. Martineau reconhece a impossibilidade de nos desarmos de todos nossos pré-conceitos, mas reconhece a possibilidade de tentarmos. E a melhor forma para tal é através do exercício da empatia.

Requisitos mecânicos

Martineau dedica tempo considerável à importância de se realizar o trabalho de observador a pé. A autora explora os benefícios e dificuldades de se locomover de tal forma. Os detalhes são insignificantes, o relevante é a demonstração do valor que essa prática tem sobre o contato com as pessoas, retomando a importância sobre se abrir para poder conhecer realmente aqueles que são observados.

Para a autora é fundamental conhecer todas as pessoas possíveis. Ela considera inadmissível que alguém que se proponha a conhecer um povo não busque entrar em contato com o maior número e o rol mais diversificado possível de pessoas. Igualmente importante é conseguir pessoas de classes sociais e gostos distintos. Quanto mais amplo for o escopo de pessoas estudadas, maior a possibilidade de compreender as ideias sociais fundamentais, e não somente opiniões singulares.

Podemos apontar assim o quarto preceito: diversidade dos entrevistados. Para Martineau, andar a pé porque possibilita um conhecimento geográfico da região e contatar o maior número de pessoas possível. A variedade de opiniões e crenças fortalecerá o estudo por oferecer multiplicidade. O pesquisador não deve fugir da complexidade, e sim busca-la ativamente. Pesquisas complexas são mais completas e informativas.

O Que Observar e os Métodos Mecânicos

Como afirmado, o meu foco aqui é no desenvolvimento da metodologia. A apresentação breve sobre a parte teórica e reflexiva do livro é um convite ao conhecimento e incentivo a leituras futuras. A

segunda parte, O Que Observar, talvez seja a que melhor demonstra o poder de observação e raciocínio de Martineau. Já a terceira parte, Métodos Mecânicos, trata de questões rotineiras que demonstram mais uma vez a profundidade da reflexão sobre como fazer a melhor pesquisa possível com todo tipo de recurso.

A seção O Que Observar foi dividida em seis capítulos: Religião, Noções Gerais de Moralidade, Estado Interno, Ideias de Liberdade, Progresso e Discurso. Ao longo desses capítulos, Martineau trata de diferentes temas que acredita que sejam essenciais para compreender a sociedade. De certa forma, a autora trabalhou campos da microsociologia que seriam consolidados apenas nas décadas seguintes. Além disso, ela entende como esses campos se relacionam com questões macro, como política e economia. Para ela, é preciso compreender o micro para se compreender a influência do macro. Em uma época em que a maioria dos pensadores estavam buscando explicações universais e conclusões grandiosas, Martineau reconhecia a necessidade de entender as questões menores, que, não obstante, tinham valor sociológico. Embora o termo microsociologia tenha sido cunhado em 1939, não é incorreto afirmar que ela foi uma precursora do campo.

Como exemplo dos temas que foram explorados pela autora é possível listar os subcapítulos que ela própria criou. Compõe o capítulo sobre Religiões: Igrejas; Clero; Superstições e Suicídio. No seguinte, Noções Gerais de Moralidade, há: Epitáfios; Amor familiar e lugar de nascença; Fala de idosos e crianças; Caráter do orgulho prevalecente; Caráter dos ídolos populares; Épocas da sociedade; Tratamento da culpa; Testemunho de criminosos; Músicas populares, e Literatura e Filosofia. No terceiro capítulo, sobre o Estado Interno, ela lista: Solo e aspecto do país; Mercados; Classe rural; Classe manufatureira; Classe comercial; Saúde; Casamento e Mulheres, e, por fim, Crianças. No campo de Ideias de Liberdade, ela trata da Polícia; Legislação; Classes na sociedade; Servos; Limitações da metrópole; Jornais; Escolas e, por último, Objetos e formas de perseguição. No capítulo seguinte, Progresso, engloba: Condições de progresso; Caridade; Artes e Invenções e, finalmente, Multiplicidade de Objetos. O último capítulo, Discurso, é o único que não oferece nenhuma forma de divisão.

Ao passar os olhos pela lista é possível reconhecer campos de estudos para cada um desses temas, sendo alguns deles essenciais na Sociologia contemporânea. Ninguém pode negar a importância de estudos sobre Suicídios, Prisões e Jornais, por exemplo, para

compreender a sociedade atual. Hoje em dia reconhecer isso é simples após a construção dos campos de estudos criados a décadas. Quando lembramos que Martineau defendeu sua importância antes da metade do século XIX temos dimensão de quão pioneiro foi o seu trabalho.

Felizmente, Martineau não somente indica a relevância desses estudos, mas também explora cada um deles. Ela apresenta as razões que a fazem acreditar que importam, como podem indicar características essenciais da sociedade e exemplifica com casos de alguns países ou regiões. Por isso é incorreto afirmar que a autora não contribuiu para a formação de teoria nos seus campos de interesse. Se consideramos teoria como conjunto de conhecimentos que procuram explicar fenômenos naturais ou sociais, o trabalho de Martineau é um extenso trabalho teórico sobre diferentes campos de estudos.

Após discorrer sobre os elementos a serem observados, a autora finaliza com seu menor capítulo, Métodos Mecânicos. Nele, Martineau reflete sobre o comportamento do pesquisador ao fazer entrevistas. Como já foi comentado, o diálogo com os observados é de grande importância para a autora. Em razão disso, ela explora formas de entrevista e escrita, a estruturação das perguntas e quando tomar notas.

Conclusão

Se “As regras do método sociológico” (1895) de Durkheim é considerado um dos trabalhos fundadores da Sociologia, “How to Observe Moral and Manners” (1838) de Martineau não deveria ser considerado importante, se foi publicado cinquenta e sete anos antes? Seymour Lipset (1962), que prefaciou uma das reedições de Martineau, afirma que essa afirmação não é nada absurda. De fato, Lipset afirmou que “How to observe morals and manners” é o primeiro livro metodológico de pesquisa científica de duas disciplinas que ainda não tinham sido criadas, a Sociologia e Antropologia. Anthony Giddens, por sua vez, denomina, em “*Sociology*” (2001, pag 14), Martineau como uma fundadora perdida.

Há uma luta há anos para que o papel da autora seja reconhecido. Alice Rossi (1973, pag. 118-124) busca recuperá-la ao afirmar que ela foi a primeira socióloga mulher. Em 1982, Michael Hill e Susan Hoecker-Drysdale lançaram uma coletânea chamada “Theoretical and Methodological Perspectives”. Os autores reuniram número variado de autores para destrinchar a contribuição de Martineau para diferentes campos sociológicos. Hill é um professor que tem estudado há anos sobre a autora, tendo criado a Harriet Martineau Sociological Society (HMSS) em 1996 nos Estados

Unidos, seguindo os passos da Martineau Society, criada em 1994, que preserva e estuda os documentos de Harriet e seu irmão Dr. James Martineau.

Por que, afinal, Martineau não é reconhecida? Embora esse artigo seja uma análise breve de um material tão amplo, cremos que conseguimos apresentar uma defesa do papel de Martineau para a ciência e o conhecimento. A falta do reconhecimento não se deve pela falta de qualidade do trabalho. O feito de conseguir impressionar e ter defensores tanto tempo após do seu trabalho, demonstra a intensidade e marca que ela pode causar naqueles que entram em contato com o seu trabalho. Também não é possível alegar que a sua obscuridade se deva pela falta de produção ou sua total inacessibilidade: embora nenhum de seus livros ainda tenham sido publicados em português, é possível encontrar todas as suas obras disponíveis e em domínio público em inglês.

Portanto como podemos explicar a injustiça de Martineau não estar no Panteão dos criadores da Sociologia? Possivelmente pelo seu gênero. Talvez essa não seja uma resposta inovadora ou completa, porém quando se trata da falta de admissão da influência de uma mulher, usualmente é essa resposta. Ao ler os seus críticos ao longo do século

aparecem diversas justificativas: ela não era teórica o suficiente, sua escrita não era refinada o suficiente, que ela era intuitiva demais e insuficientemente analítica (Hill, 2003). As formas de desqualificá-la são impregnadas de estereótipos de gênero.

A escolha de quem consideramos fundadores e influenciadores na Sociologia é sempre imperfeita, parcial e, em alguma medida, provisória. É construída pelos sociólogos que têm status no campo o suficiente para fazer valer suas preferências. Raymond Aron lutou pelo reconhecimento de Tocqueville como um autor indispensável para o campo. Não era preciso que o trabalho dele fosse reconhecido pela sociedade na época ou que tivesse adeptos anteriores. Bastou que sua contribuição fosse reconhecida por ter uma voz singular que tenha trazido uma reflexão única. Portanto, é o nosso dever trabalhar para que esse processo de reconhecimento seja realizado.

É, enfim, preciso reconhecer que a Sociologia é um campo do tempo presente e mesmo sua Teoria Clássica pode ser modificada. A realidade mudou e é preciso que vozes distintas do usual sejam reconhecidas, seja de mulheres brancas, mulheres negras, homens negros etc. Afinal, muitos e muitas produziram estudos originais e ofereceram perspectivas singulares. O trabalho de

reconhecimento não é uma dívida com o passado ou com pessoas que já tenham falecido há décadas, mas um enriquecimento e um benefício para o momento atual. Somos nós que aprenderemos mais ao reconhecer a contribuição de tantos outros olhares, independentemente do seu tempo. Que comecemos com Harriet Martineau.

Biografia

Viajante e socióloga

Nascida em 1802 na Inglaterra, Harriet Martineau, filha de pais de classe média, teve a infância marcada por doenças físicas, especialmente a surdez progressiva que resultou no uso de um *ear trumpet*, um aparelho auditivo disponível na época. Seus problemas de saúde impediram que estudasse fora de casa, exceto por dois anos, porém não impediram que ela seguisse um regime rigoroso e autodidata de estudo. Como adepta do Unitarismo, uma corrente teológica que afirmava a unidade absoluta de Deus, a família Martineau não teve direito a certas liberdades civis, como votar ou ingressar em uma universidade. Ao mesmo tempo, sua oposição ao Anglicanismo significava participar de um dos meios sociais mais progressistas na época.

A igreja Unitarista acreditava no necessarianismo, linha de pensamento que defendia que até Deus seguia as leis universais, mesmo tendo criado o universo. Em razão dessa crença, Martineau acreditava que as leis naturais e sociais eram fixas e passíveis de descobertas. A isso se combinava a convicção na existência do livre arbítrio e da liberdade de escolha, o que implicava dizer que as decisões humanas estavam no campo da moral e não no campo espiritual. O Unitarismo, ao acreditar que a ciência era complementar, em vez de antagônica à religião, permitiu que o interesse científico florescesse na vida de Martineau sem nenhum conflito. Já adulta, a autora questionaria a religião. Porém, foi em um jornal religioso que ela iniciou sua vida como escritora aos dezanove anos.

Após um noivado fracassado, o qual ela própria admitia que permitiu que mantivesse a liberdade para viajar e escrever, Martineau fez uma das decisões mais significativas de sua carreira. Ela insistiu na publicação de uma série de artigos sobre economia política em linguagem popular, para que pessoas comuns pudessem ter acesso às ideias de alguns dos autores mais respeitados da época. Seu objetivo era permitir que as pessoas da classe trabalhadora e média aprendessem a nova teoria sobre a sociedade e que utilizassem o conhecimento para tomarem decisões mais

informadas. Ela teve dificuldade de convencer um editor a aceitar a proposta e somente o conseguiu após a assinatura de contrato desfavorável.

O resultado foi “*Illustrations of Political Economy*” (1832), nove volumes contendo vinte cinco histórias. Os livros foram um sucesso de vendas e garantiram a liberdade econômica de Martineau para continuar se sustentando da sua escrita. Um feito difícil para qualquer pessoa na época, mas especialmente difícil para uma mulher. Apesar do sucesso alcançado, seu trabalho foi diminuído, a qualidade foi questionada e criticada por ser “não feminino” (Croker, 1833, p. 136). John Stuart Mill também foi crítico, afirmando de que ela não tinha conhecimento o suficiente e que o trabalho era superficial. De qualquer forma, os livros de Martineau venderam, até 1834, dez mil cópias por ano, enquanto “*Principles of Political Economy*” de Mills vendeu 3 mil cópias em quatro anos (Roberts, 2002).

Sua liberdade econômica permitiu que viajasse para diferentes lugares, como a África, os Estados Unidos e o Oriente Médio. Suas experiências resultaram em diversos livros, como “*Society in America*” (1837) e “*Retrospect of Western Travel*” (1838). “*How to Observe Morals and Manners*” (1838) também foi lançado nessa época, porém foi escrito antes de sua viagem e serviu como aporte para seu trabalho de campo.

“Society in America” (1837) é o trabalho sociológico mais reconhecido de Martineau. A autora viajou por dois anos pelo norte e sul estadunidenses, acompanhada por uma ajudante. Ela iniciou a viagem em 1834, três anos depois de Tocqueville fazer sua famosa viagem pela América. Coincidentemente, ela percorreu praticamente o mesmo trajeto de Tocqueville pelo sul. Entre outras diferenças entre os dois trabalhos, pode-se apontar a centralidade dada por Martineau à instituição da escravidão e seus efeitos sobre a democracia. Martineau aponta a escravidão como uma das características essenciais da democracia norte-americana. Para ela, a escravidão e a posição feminina degradavam a democracia e impediam a realização dos seus preceitos mais básicos. Após a viagem, Martineau se tornaria uma voz abolicionista importante, sendo publicada tanto nos Estados Unidos quanto Inglaterra.

Após a volta de sua longa viagem aos Estados Unidos, a socióloga teve um período longo de internamento por doença. Resultado de uma doença ginecológica, ela teve dores intensas nas costas e perdeu sua força em geral. Ela permaneceu então em casa por seis anos, porém continuava a escrever. Nesse período, produziu “Life in the Sickroom” (1844), um estudo sobre o tratamento dos efeitos da doença, e sobre aqueles que a auxiliavam, do ponto de vista da paciente. Martineau foi

por longo tempo tratada pelo irmão, porém diante das dificuldades de obter melhora, procurou o tratamento de mesmerismo, ou magnetismo animal, considerado polêmico na época. Após uma rápida recuperação, ela escreveu então “Letters on Mesmerism” (1845) elogiando o tratamento. Isso resultou em uma briga familiar, já que seu irmão defendeu que fora seu tratamento prologado que resultou na cura.

Depois desse episódio, ela viajou ao Oriente Médio, viagem que resultou na publicação de “Eastern life, present and past” (1848). A autora tratava nesse livro a religião uma instituição social como outra qualquer, sujeita a influências da sociedade em que está inserida. A partir do trabalho de Conde de Saint-Simon e Auguste Comte, “Law of Three Stage”, Martineau apontou a religião como evolucionária, partindo da magia e superstição para o politeísmo e então para o monoteísmo. Embora hoje reconheçamos que não há hierarquia entre as religiões, Martineau foi um passo à frente ao perceber a religião como construção social e não como obra divina.

Alguns anos depois, em conjunto com Henry George Atkinson, publicou “The Letters on the Laws of Man’s Nature and Development”

(1851). Considerado um de seus trabalhos mais polêmicos, ela anunciava que deixou a Igreja Unitária e se considerava agnóstica e naturalista. As pessoas preferem focar nessa afirmação do que o desenvolvimento do seu pensamento a partir da filosofia positivismo de Comte, pensador em que ela estava muito interessada. Esse interesse resultou na tradução de “A Filosofia Positiva” (1842) para inglês, a qual ela fez onze anos depois da publicação do original.

O trabalho de tradução realizado por Martineau foi tão aclamado por possibilitar a leitura da prosa difícil que foi retraduzido para francês, a língua original, e reconhecido como a versão oficial. Comte reconhece a qualidade do seu trabalho e, em carta, afirma a ela que o trabalho dela expandirá a audiência do livro a um número muito maior do que ele esperaria em vida (Harrison, 1896, pags. xvii-xviii).

Dois anos depois, em 1855, Martineau novamente adoeceu. Por causa das previsões médicas pessimistas sobre sua recuperação, ela escreveu então sua autobiografia, que somente seria publicada após sua morte, em 1877. Após a recuperação de mais um prognóstico negativo, Martineau focou problemas sociais na Inglaterra, especialmente os problemas de mulheres. Utilizando formas variadas, como editoriais de jornais

e revisões de livros, a autora se dedicou a defender a causa feminina. Escreveu sobre a importância da educação para o avanço das mulheres, a necessidade de pagamento igual entre mulheres e homens, e se opôs às leis de inspiração médica que autorizavam policiais a prender e humilhar mulheres sob a justificativa de combate à prostituição.

As doenças que a assolaram durante a vida dificultaram seu trabalho, porém Martineau continuou produzindo até o fim da vida. Ela escreveu seu próprio obituário duas semanas antes de sua morte, em 25 de junho de 1876. Em setenta e quatro anos de vida, a britânica escreveu dezessete livros, mais de mil e seiscentos editoriais e artigos para jornais, e incontáveis cartas que trocou com outros pensadores. Harriet Martineau teve a liberdade de se dedicar ao que desejava e ela escolheu destinar a vida à difusão do conhecimento e à justiça social.

**Lorena Miguel é doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-Rio.
contato: lorenamsmiguel@gmail.com**

Referências bibliográficas

- ATKINSON, Henry George e MARTINEAU, Harriet. 1851. *Letters on the Laws of Man's Nature and Development*. Chapman
- DURKHEIM, Emile. 1895. *Les Regles de La Methode Sociologique*. Hachette Livre-BNF
- GIDDENS, Anthony. 2001. *Sociology*. Polity Press
- HARRISON, Frederic. 1896. Introduction. IN COMTE, Auguste. *The positive philosophy of Auguste Comte: freely translated and condensed by Harriet Martineau, with an introduction by Frederic Harrison*. Cornell University Library
- HILL, Michael R. 1991. "Harriet Martineu (1802-1876)" In DEEGAN, Mary Joe. *Woman in Sociology: Bio-Bibliographical Sourcebook*. New York: Greenwood Press
- HILL, Michael R. 2003. "Harriet Martineau and the Sociology of the American South." Paper presented to the Annual Meeting of the American Sociological Association, Section on the History of Sociology, Atlanta Hilton, August 16
- HILL, Michael Hill e HOECKER-DRYSDALE. 2001. *Theoretical and Methodological Perspectives*. New York: Routledge
- LIPSET, Seymour. 1962. Introduction. IN MARTINEAU. 1837 [1962]. *Society in America*. New York: Garden City
- MARTINEAU, Harriet. 1848. *Eastern Life. Present and Past*; 3 volumes; Edward Moxon
- _____. 1838. *How to Observe Moral and Manners*. London: Charles Knight and Co. 22, Ludgate Street
- _____. 1832. *Illustrations of Political Economy*; 9 volumes; Charles Fox
- _____. 1845. *Letters on Mesmerism*. London: Edward Moxon, Dover Street
- _____. 1844. *Life in the Sickroom*
- _____. 1838. *Retrospect of Western Travel*. Saunders and Otley
- _____. 1837. *Society in America*. Saunders and Otley
- ROBERTS, Caroline. 2002. *The Woman and the Hour: Harriet Martineau and Victorian Ideologies*. Toronto: U of Toronto
- ROSSI, Alice. 1973. *The Feminist Papers: From Adams to de Beauvoir*. Columbia University Press

AS EDITORAS:**Marcia Rangel Candido**

Doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-Uerj), pesquisadora associada do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP).

contato: marciarangelcandido@gmail.com

Veronica Toste Daflon

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj) e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA, IFCS-UFRJ). Atua como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG, IFCS-UFRJ) e do Global Race Project

contato: veronicatoste@gmail.com

ASSISTENTE EDITORIAL:**Mariane Silva Reghim**

Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL). contato: marianesreghim@gmail.com

ARTISTAS GRÁFICAS:**Ana Bolshaw**

Mestranda em Design na PUC-Rio, em que pesquisa identidade visual de cidades. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema na mesma instituição.

contato: anabolshaw@gmail.com

www.anabolshaw.com

Sophia Pinheiro

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). É graduada em Artes Visuais e bacharel em Design Gráfico pela mesma universidade. Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, gênero, processos de criação, na antropologia e/da arte, culturas e representações das imagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3686998218403865>

**sobre a capa:**

Para essa primeira publicação, o conceito da capa para Clássicas foi o de desabrochar uma semente, assim como o livro é.

Uma semente que vai germinar e florir para xs leitorxs e também para as futuras edições da coleção com mais mulheres teóricas.

Assim como nos ensina Cora Coralina: “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

As mulheres que estão aqui rompem as sementes. Que as ideias cresçam e floresçam nesse mundo cada vez mais temeroso.

acompanhe no youtube o **Sobre Elas** (www.youtube.com/sobreelas), dirigido por Emy Lobo, o canal veicula inúmeras entrevistas com mulheres, além de apresentar uma série de curtas com pesquisadoras sobre autoras clássicas.

